

A UTILIZAÇÃO DO RAPPORT COMO ELEMENTO MOTIVADOR NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Luana Moreira de Souza (UVA)

luanacontato2@yahoo.com.br

Silvana Moreli Vicente Dias (UVA)

silvana.dias@uva.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apontar a importância do *rapport* no ensino de Língua Inglesa no Brasil e analisar diferentes formas de construí-lo entre professores e alunos. As principais fontes consultadas foram artigos acadêmicos, como os trabalhos de Williams (1994), Dyrenforth (2014), Mahoney (2019), Freire (1996), Piaget (1977), os PCNs (BRASIL, 1998) e a BNCC (BRASIL, 2018). Já em relação à metodologia, esta pesquisa foi baseada em um conteúdo explicativo, no qual se apresentam dados colhidos por meio de pesquisas, seguidas de suas análises. As abordagens apresentadas no presente trabalho são de origem qualitativa e quantitativa. A pesquisa foi realizada com base na análise de resultados colhidos por meio de questionários feitos para professores e alunos da rede privada e pública de ensino, bem como para alunos de cursos de idiomas. O projeto parte da necessidade de se encontrarem materiais relevantes sobre o assunto e de, consequentemente, se aprofundarem reflexões sobre a desmotivação do aluno na escola nos dias atuais.

Palavras-chave:

Educação. Motivação. *Rapport*.

ABSTRACT

The present work aims to point out the importance of building *rapport* in English classes in Brazil and also to analyze different ways to do so between teachers and students. The main sources consulted were academic texts, like literary works written by Williams (1994), Dyrenforth (2014), Mahoney (2019), Freire (1996), Piaget (1977), the PCNs (BRASIL, 1998) and the BNCC (BRASIL, 2018). Regarding methodology, this research was based on an explicative content and data collected by research and its analysis. Qualitative and Quantitative approaches are the techniques presented by the present work. This research was conducted through results collected by questionnaires that were made for students and teachers of private and public schools and also for language courses students. This Project is based on the need to find relevant materials about this subject and on its relation to students' demotivation in schools nowadays.

Keywords:

Education. Motivation. *Rapport*.

1. Introdução

O presente artigo procura abordar, como temática central, o uso do *rapport* como ferramenta motivadora em aulas de Língua Inglesa. No

entanto, entende-se que esse recurso poderá ser usado em diversas áreas, uma vez que servirá como auxílio para que diferentes profissionais consigam alcançar seus objetivos na interação com o outro.

A escolha desse tema parte da necessidade de entender a importância do *rappor*t dentro da sala de aula, a relevância do tema para professores de Língua Inglesa e a inexistência de materiais relacionados ao assunto. Esses pontos foram os fatores motivadores para o desenvolvimento da pesquisa.

Uma das maiores causas da desmotivação de alunos é a falta de *rappor*t entre docentes e discentes. Ter *rappor*t significa conhecer alunos, ter empatia por eles e desenvolver um relacionamento saudável dentro de sala de aula. Contudo, muitos professores apresentam dificuldades para criar *rappor*t com seus alunos devido ao fato de não entenderem como abordá-los. Essa falta de conhecimento faz com que professores e alunos se distanciem cada vez um do outro e o processo de ensino-aprendizagem fique comprometido.

Considerando o papel que o *rappor*t desempenha no contexto escolar, pode-se dizer que ele atua como uma ótima ferramenta de negociação, promove o respeito mútuo, é gratificante, acolhedor e capaz de promover ótimas experiências para alunos e professores.

Todos os fatores afirmados acima servem como base para os objetivos específicos e gerais deste artigo. Como objetivo geral, procura-se analisar como a prática de *rappor*t afeta relacionamentos entre professores e alunos de Língua Inglesa no contexto escolar e como docentes podem usá-la a seu favor.

Já em relação aos objetivos específicos, procura-se: estudar diferentes formas de se construir *rappor*t entre alunos e professores; analisar as razões pelas quais alunos se encontram desmotivados nas aulas de Língua Inglesa, por meio de uma pesquisa de campo, via *Google Forms*; verificar a importância de se construir *rappor*t entre docentes e discentes; e discutir a necessidade, sobretudo nos dias de hoje, de se aplicar *rappor*t nas aulas de Língua Inglesa.

2. *Conceituação sobre rapport e motivação*

Para que o professor tenha sucesso ao lecionar é necessário que ele adote determinadas técnicas que farão o aluno se interessar em aprender. Uma das mais importantes é o *rapport*.

2.1. *O significado de rapport e a dificuldade de tradução*

Segundo Lima (2019, p. 256), o *rapport* “refere-se ao momento inicial de contato com a criança em que se procura estabelecer um ambiente acolhedor, discutindo assuntos neutros e de interesse da criança”. De acordo com Blodget (1991), “a habilidade de se construir *rapport* dentro da sala de aula, é uma característica de professores excelentes e constrói relacionamentos cruciais para a aprendizagem”.

Construir *rapport* estabelece um impacto extremamente positivo na aprendizagem, pois permite levar os alunos ao sucesso por meio de relacionamentos interpessoais e da confiança criada entre alunos e professores. Além disso, estabelecer um bom relacionamento entre professores e alunos é capaz de motivar alunos a aprender e, também, a ajudar professores a desenvolverem melhor a sua prática de ensino.

Há quem procure definir *rapport* como empatia, sintonia, compaixão ou afinidade. Já na psicologia, define-se *rapport* como uma “ligação de empatia entre duas pessoas”. A dificuldade de tradução do termo reflete na baixa quantidade de materiais disponíveis referentes a ele, de modo que pesquisadores precisem recorrer a textos acadêmicos estrangeiros. Assim, Alexandre, Santos, Vasconcelos e Monteiro (2019) afirmam que:

Esse conceito, que traduzido literalmente do francês denota “relação” (Avalio & Faury, 2015), é parcamente explorado pela literatura e carece de maior precisão em sua definição. No entanto, a partir dos estudos de Aguiar (1981) e Anastasi e Urbina (2007), pode-se definir o *rapport* como o estabelecimento do vínculo com o indivíduo a quem o profissional se dirige, uma relação especial que tem como base aspectos emocionais e de apresentação. (ALEXANDRE; SANTOS; VASCONCELOS; MONTEIRO, 2019, p. 7)

Para que o termo seja bem compreendido, é necessário avaliar a forma como ele deve ser empregado e quais são as suas consequências. Levando em consideração que o *rapport* procura estabelecer vínculo, relação de confiança, carinho e respeito mútuo, o termo em português que mais se aproximaria a ele seria “empatia”.

No entanto, segundo Cummins, Sevel e Pedrick (2011), há uma diferença clara entre os dois termos. Segundo os pesquisadores:

[...] o *rapport* conota em um relacionamento de compreensão e confiança mútua entre duas pessoas e requer a habilidade de se colocar no lugar do outro. A empatia é uma habilidade fundamental no desenvolvimento do *rapport* com alguém. (CUMMINS; SEVEL; PEDRICK, 2011, p. 151)

Para eles, a empatia implica em entender as experiências de alguém sem ter passado por elas.

Sendo assim, pode-se dizer que há diferença entre os dois termos, mas que estes se encontram intrinsecamente ligados. Para que um professor possa estabelecer *rapport* com seus alunos, é necessário que ele tenha empatia e procure entender sua forma de agir e pensar, construindo, assim, uma sintonia entre os dois.

2.2. Elementos motivacionais na aprendizagem

Para que se possa identificar a importância do *rapport* entre professores e alunos nas aulas de Língua Inglesa, é necessário entender, primeiramente, as relações que motivam o aprendizado do aluno em um segundo idioma, as razões que levam o aluno à desmotivação e como o *rapport* pode influenciar na aprendizagem.

São diversos os fatores que levam alunos a estudar a Língua Inglesa. Esses fatores podem ter influências internas e externas. Nas influências internas, podem-se mencionar o interesse, a necessidade e a vontade do aluno em aprender. Já nas externas, há os relacionamentos que o indivíduo cria com outros, suas experiências e a interação que este possui com o idioma.

Sabe-se que alunos se sentem mais motivados quando estão diante de aulas dinâmicas e engajadoras. Essas atividades permitem que o aluno tenha um sentimento de integração, ou seja, permite que ele se veja dentro da tarefa e se sinta atraído por ela. Além dos benefícios que essas aulas podem trazer para a motivação do discente, é possível citar também a relação que alunos e professores possuem.

Entende-se que as relações que professores e alunos criam entre si influenciam a forma pela qual o estudante enxerga o idioma. Essas interações são capazes de motivar alunos, estimular sua confiança, cooperação e respeito perante seus pares. Segundo estudiosos, as relações estabelecidas entre docentes e discentes são fundamentais para que o aprendi-

zado ocorra de maneira efetiva e para que alunos se sintam constantemente motivados a aprender. Segundo Codo (1999),

Se essa relação afetiva com os alunos não se estabelece, se os movimentos são bruscos e os passos fora do ritmo, é ilusório querer acreditar que o sucesso do educar será completo. Se os alunos não se envolvem, poderá até ocorrer algum tipo de fixação de conteúdos, mas certamente não ocorrerá nenhum tipo de aprendizagem significativa; nada que contribua para a formação destes no sentido de preparação para a vida futura, deixando o processo ensino-aprendizagem com sérias lacunas. (CODO, 1999, p. 50)

Motivar alunos não é uma tarefa simples. Requer tempo, esforço e vontade, tanto do professor em entender como motivar seus alunos, quanto do aluno em estudar o idioma. Na visão de Vygotsky (2001), a motivação parte de um incômodo no indivíduo que o faz procurar, na educação, uma forma de preencher sua necessidade e deixá-lo mais confortável. No entanto, há diversas teorias que justificam a motivação do aluno por meio de fatores que vão desde suas necessidades mais primárias até a relação entre aluno-professor.

Já segundo Gardner (1985), a motivação está relacionada à meta traçada pelo aluno em relação ao idioma. As metas podem ser diversas e ligadas à forma como o indivíduo usará o idioma para seu benefício, à relação que ele estabelece com a língua e o quanto ela é relativa ao contexto em que vive. De acordo com a teoria de Gardner, a motivação do aluno seria guiada por duas orientações: a integrativa – que se refere à relação afetiva que o indivíduo estabelece com a língua e ao interesse deste de interagir com pessoas que falem o idioma estudado; e a instrumental – ligada aos benefícios que aprender o idioma traz ao indivíduo, seja em sua vida profissional, seja em sua vida pessoal.

No entender de Maslow (1943), a motivação do aluno estaria intrinsecamente ligada a uma pirâmide de necessidades, na qual as necessidades básicas ficariam na base e as mais complexas, no topo. Segundo Maslow, as necessidades básicas do aluno estão ligadas a necessidades fisiológicas e de segurança; já as necessidades mais complexas estão ligadas à integração social, autoestima e autorrealização.

De acordo com esta teoria, caso as necessidades do aluno não fossem cumpridas, isso automaticamente implicaria em sua desmotivação. No entanto, essa teoria foi extremamente condenada por muitos teóricos, pois não levava em consideração a individualidade, as exceções e o fato de que indivíduos podem ter diferentes tipos de necessidades. Kondo (1994) afirma que

Quando levamos isso em consideração, fica claro que a interpretação anterior da hierarquia das necessidades humanas de Maslow é incorreta. De fato, o que Maslow salientou em seu artigo original foi que as necessidades humanas não ascendem à hierarquia em sequência ordenada, ou seja, todas as cinco necessidades estão sempre presentes, mas sua importância relativa gradativamente varia de um nível baixo para um alto, conforme nosso padrão de vida se eleva [...]. (KONDO, 1994, p. 17)

Segundo a teoria de Dois Fatores de Herzberg (1959), o ser humano possui dois tipos de motivação: a intrínseca (ligada àquilo que o indivíduo consegue controlar, como o seu desempenho) e a extrínseca (ligada a fatores externos, como o ambiente de trabalho e políticas externas). A falta dessas duas motivações levaria à queda de desempenho e, conseqüentemente, ao fracasso.

O grande problema da maioria dos professores é olhar apenas para as motivações extrínsecas e não tentar entender o aluno e a forma pela qual ele aprende. Essa falta de olhar e a carência da relação afetiva entre docentes e discentes faz com que diversos professores não sejam capazes de entender a forma ideal de agir e de ensinar, o que seria uma das grandes causas por meio das quais alunos são levados ao desinteresse pelas aulas de idioma.

2.3. O ensino de inglês no Brasil e a motivação dos alunos

Para Piaget (1977), as funções cognitivas do ser humano seriam criadas de acordo com um paradigma sociointeracional. Segundo ele, a relação de afeto com o outro permitiria que o indivíduo desenvolvesse condições essenciais para a sua aprendizagem e também influenciaria em sua motivação. Nesse caso, a afetividade influenciaria na construção de conhecimento de cada indivíduo e também no seu interesse pela atividade.

Partindo dessa afirmação, pode-se dizer que a participação do outro na vida do educando é uma ação fundamental para que este compreenda não só o próximo, mas também a si mesmo e o mundo ao seu redor. Desta maneira, a afetividade ajuda tanto no desenvolvimento pessoal, quanto social do indivíduo. Levando isto em consideração, Piaget (1994) aponta que

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não

poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. (PIAGET, 1994, p. 129)

O ensino de inglês no Brasil é marcado por desafios e carências no âmbito pedagógico e interacional. Há, de fato, carências de métodos e metodologias, professores capacitados, bons relacionamentos entre professor-aluno, estruturas escolares e materiais de ensino. Nessa perspectiva, surgem cada vez mais alunos desinteressados em aprender o idioma, o que contribui para uma deficiência no número de pessoas falantes de Língua Inglesa no Brasil. Nesse contexto, os PCNs (BRASIL, 1998) asseguram que

A primeira observação a ser feita é que o ensino de Língua Estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, frequentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental. (BRASIL, 1998, p. 24)

O estudo da língua inglesa tem se tornado uma prática cada vez mais comum nos dias atuais, devido à influência do idioma na vida do educando e de suas diferentes necessidades profissionais. De acordo com Mahoney (2007, p. 17), a afetividade “refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno, por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”. Assim, a motivação é extremamente importante para o aprendizado de uma língua estrangeira e está muito ligada à afetividade criada no ambiente escolar.

2.4. As competências socioemocionais da BNCC na educação

As competências socioemocionais encontram-se na BNCC (BRASIL, 2018) e reforçam a necessidade de ensinar ao próximo formas de convívio em sociedade, o que pode trazer benefícios ao aluno e ao professor. As competências socioemocionais são responsáveis por ensinar diferentes formas de agir individualmente e com o outro, amadurecendo o modo como discentes veem o mundo. Levando em consideração o que aponta a BNCC (BRASIL, 2018), entende-se que o aluno deve ser capaz de desenvolver as seguintes competências:

- **Cognitiva** – Resolver problemas, planejar, tomar decisões, estabelecer conclusões lógicas, investigar e compreender problemas, pensar de forma criativa, fortalecer a memória, classificar e seriar.

- **Emocional** – Lidar com as emoções, com o ganhar e o perder, aprender com o erro, desenvolver autoconfiança, autoavaliação e responsabilidade.

- **Social** – Cooperar e colaborar, lidar com regras, trabalhar em equipe, comunicar-se com clareza e coerência, resolver conflitos, atuar em um ambiente de competição saudável.

- **Ética** – Respeitar, tolerar e viver a diferença, agir positivamente para o bem comum.

Para que o professor consiga desenvolver, no aluno, as competências socioemocionais vistas acima, é necessário que ele conheça o perfil de seus alunos, bem como suas necessidades e preferências. Dessa forma, ele é capaz de se preparar pedagogicamente e oferecer o ensino dessas habilidades de forma satisfatória.

De acordo com Goleman (2011, p.34), ensinar o aluno a lidar com as suas competências socioemocionais vai além de fazê-lo entender como lidar com as suas emoções. Ensinar essas habilidades permite que o aluno também consiga desenvolver sua inteligência e aprenda a usá-la no dia a dia para resolver quaisquer questões. Desse modo,

Ensinar exige pesquisa, exige criticidade, exige rigorosidade metódica, exige respeito aos saberes dos educandos, exige estética e ética, exige corporificação das palavras pelo exemplo, exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, exige comprometimento, exige reflexão crítica sobre a prática em si mesma, independente da opção política do educador. (FREIRE, 1996, p.102)

Além das competências socioemocionais propostas pelo BNCC, também surge a empatia como uma das competências gerais. Partindo do conceito de que, na escola, se trabalha tanto individualmente quanto em conjunto, é essencial que o professor desenvolva, no aluno, a habilidade de se colocar no lugar do outro, aprenda a tratá-lo com respeito e dignidade e consiga relacionar-se com ele.

Nesse contexto, a empatia estimula o aluno a analisar a si mesmo de maneira crítica e o ajuda a compreender o outro. Para que o aluno consiga desenvolver a empatia, é necessário que o professor se aproxime do educando e o estimule a se aproximar do outro, de maneira que se promova um bom relacionamento com seus pares.

3. Aplicação da pesquisa

Uma vez que se estuda como a motivação pode afetar a vida do educando e do educador, cria-se a necessidade de entender quais fatores influenciam a sua desmotivação, bem como a relação que o *rapport* possui com esses fatores. Sendo assim, este capítulo baseia-se em uma pesquisa explicativa, com a utilização de formulários online (*Google Forms*).

Esses formulários têm como objetivo avaliar as razões de desmotivação e motivação em aulas de inglês, com base nas respostas de alunos de cursos livres e de escolas regulares, bem como de professores do idioma, no estado do Rio de Janeiro.

3.1. Descrição

A presente pesquisa foi realizada por alunos de cursos de idiomas, escolas públicas e privadas, e com professores de inglês que atuam não somente em instituições, mas também de forma autônoma.

Cada questionário é composto por perguntas discursivas e objetivas. As perguntas objetivas serão descritas e seus resultados analisados neste artigo. De outro modo, as perguntas discursivas, feitas com o objetivo de se analisarem as respostas de cada participante de maneira individualizada, serão brevemente abordadas aqui, por conta de sua extensão (posteriormente, as respostas às perguntas discursivas serão expostas em outro artigo científico, atualmente em fase de elaboração). O material coletado durante a pesquisa demonstrou a relevância do conjunto para se reconhecerem os diferentes pontos de vista de cada um dos sujeitos respondentes. Para cada pergunta objetiva foram gerados gráficos para que fosse possível analisá-los individualmente.

As informações coletadas foram feitas através do *Google Forms* e de maneira anônima, como informado aos participantes anteriormente. Os questionários foram respondidos voluntariamente entre os meses de março e abril de 2021, por um total de 45 pessoas, sendo elas 17 alunos de escolas públicas e privadas, 17 alunos de cursos de idiomas e 11 professores de Língua Inglesa.

3.2. Metodologia

O presente artigo apresenta cunho explicativo e bibliográfico. Baseia-se em estudos e obras analisadas para a sua concepção, ao mesmo tempo em que compara a visão de diversos pesquisadores em relação ao tema. As fontes consultadas são artigos acadêmicos, livros especializados, os PCNs (BRASIL, 1998) e também a BNCC (BRASIL, 2018).

Já em relação à abordagem, entende-se que essa acontece de forma quantitativa e qualitativa, pois se parte dos resultados coletados por meio dos questionários para avaliar e validar teorias. Esses resultados serão analisados por meio de opiniões, observações com perspectiva crítica e também pela coleta de dados numéricos, a seguir expostos.

3.3. Análise de dados e discussões: Alunos de escolas públicas, privadas e de cursos de idiomas

A seguir, pode-se observar uma compilação das informações coletadas pelos formulários de pesquisa, bem como análise acerca dos resultados obtidos.

3.3.1. Tipos de motivação

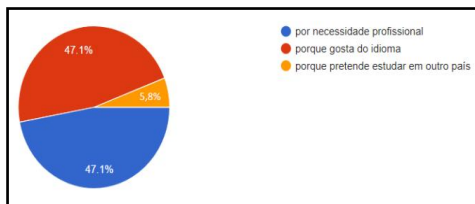
As imagens abaixo apontam para o fato de que alunos de escolas públicas e privadas possuem motivações diferentes das dos alunos de cursos de idiomas.

Figura 1: Alunos de cursos e porquê estudam inglês.



Fonte: <https://forms.gle/AGLKtuMeKN8Hf7N48>.

Figura 2: Alunos de escola e porquê estudam inglês.



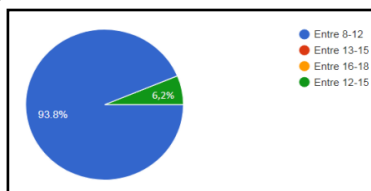
Fonte: <https://forms.gle/wT1wibbugdQSEeaDA>.

Enquanto alunos de cursos de idioma são, em sua maioria, motivados pelo gosto pelo idioma, alunos de escola são motivados pela necessidade profissional, além da sua preferência pelo idioma.

3.3.2. Idade x Motivação

Quanto à faixa etária, observou-se que a motivação varia de acordo com a idade do aluno. Alunos de escolas públicas e privadas, cuja faixa etária se encontra entre 8-12 anos (na maioria), afirmaram que o principal motivo que os levam a estudar inglês é a percepção de uma futura necessidade profissional. Já para alunos de curso, cuja faixa etária começa entre os 18 anos em diante, a principal motivação em estudar o idioma vem do fato de gostarem dele.

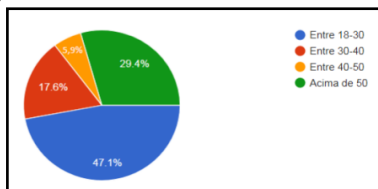
Figura 3: Alunos de cursos: faixa etária e motivação.



Fonte: <https://forms.gle/AGLKtuMeKN8Hf7N48>.

Os alunos de cursos de idioma respondentes são maiores de idade, o que faz com que a busca pela aprendizagem de um segundo idioma seja, em muitos casos, uma forma de continuar aprendendo algo que deixaram para trás quando eram mais jovens ou até mesmo uma forma de ocupar seu tempo (para os mais velhos, por exemplo).

Figura 4: Alunos de escola: faixa etária e motivação.



Fonte: <https://forms.gle/wT1wibbugdQSEeaDA>.

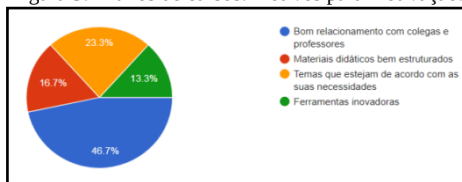
Já quando se fala sobre a população mais jovem, é normal que suas necessidades perante um segundo idioma sejam outras. Esses resultados confirmam a teoria de Gardner (1985), quando este coloca que a motivação do aluno seria guiada por duas orientações: a integrativa – que se refere à relação afetiva que o indivíduo estabelece com a língua e ao interesse deste de interagir com pessoas que falem o idioma estudado; e a instrumental – ligada aos benefícios que aprender o idioma traz ao indivíduo, seja em sua vida profissional ou pessoal.

Assim, a orientação integrativa é perceptível quando os alunos de cursos de idiomas e maiores de idade respondem que a sua maior motivação no estudo de Língua Inglesa vem do fato de gostarem do idioma. Por sua vez, a orientação instrumental é clara quando, para os alunos de escolas públicas e privadas (e mais jovens) respondem que a sua maior motivação é a necessidade profissional.

3.3.3. *Rapport e Motivação*

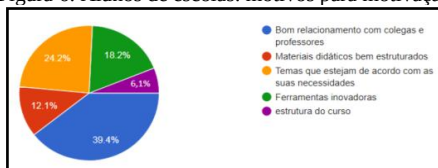
Quando perguntados sobre os principais fatores que levam tanto alunos de curso quanto alunos de escola a se sentirem motivados, a maior parte dos respondentes de ambas as pesquisas afirmaram que estabelecer um bom relacionamento com professores e colegas possui valor prioritário em sua aprendizagem.

Figura 5: Alunos de cursos: motivos para motivação.



Fonte: <https://forms.gle/AGLKtuMeKN8Hf7N48>.

Figura 6: Alunos de escolas: motivos para motivação.



Fonte: <https://forms.gle/wT1wibbugdQSEeaDA>.

Dessa maneira, afirma-se que estabelecer relações afetivas é considerado um fator de extrema importância, assim como assegura Piaget (1994):

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. (PIAGET, 1994, p. 129)

3.3.4. A importância do *rapport*

Já em relação à importância de se estabelecer *rapport* com seus professores, as respostas foram diversas, mas se completavam, pois todas elas implicavam na construção do *rapport* como algo essencial para aprendizagem de um novo idioma.

Entre os motivos citados, é possível salientar o fato de que, ao possuir um bom *rapport* com o seu professor, o aluno perde o medo de falar em aula, desenvolve interesse em aprender o idioma, entende melhor o conteúdo ensinado e se comunica melhor com seus professores.

Figura 7: A importância do *rapport* na educação.

Você acha que estabelecer um bom relacionamento com o professor é importante para a sua motivação nas aulas? Por quê?

17 respostas

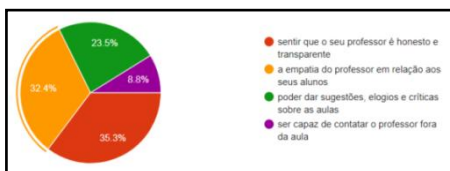
- Sim, pois você sente vontade de conversar com o professor e com isso você fica mais animado.
- sim, meu desempenho costuma a subir com esse fator
- sim, pois ajuda o aluno a não ter medo de tirar dúvidas
- sim, no momento em que você tem um relacionamento considerado ruim com seu professor, você não tem motivação para ir para aula, independente se ele explica bem a matéria ou não
- Sim, pois a relação de afetividade entre ambos é importante para a aprendizagem/motiva
- Sim, um relacionamento ruim com o professor causa constrangimento ao responder e falar.
- sim porque faz você ficar mais interessado nas aulas

Fonte: <https://forms.gle/wT1wibbugdQSEeaDA>.

3.3.5. Como construir *rapport*

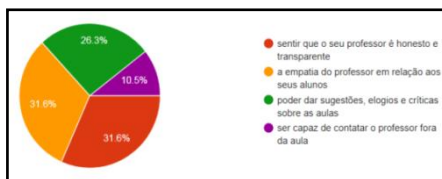
No que diz a respeito às diferentes maneiras pelas quais o professor deve construir *rapport* com seus alunos, os respondentes de ambas as pesquisas afirmaram que o professor deve reconhecer as necessidades e particularidades de cada aluno, ter empatia, ser paciente, brincar e mostrar-se familiarizado com os temas de interesse dos alunos.

Figura 8: Alunos de cursos: Como construir *rapport*.



Fonte: <https://forms.gle/AGLKtuMeKN8Hf7N48>.

Figura 9: Alunos de escolas: Como construir *rapport*.



Fonte: <https://forms.gle/wT1wibbugdQSEeaDA>.

Tais questões apresentam grande conexão com as ideias propostas pela BNCC (BRASIL, 2018) em relação ao ensino de competências socioemocionais e sua relação com o tipo de relacionamento entre professor e aluno. Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), para que o professor consiga trabalhar com seus alunos em conjunto, é necessário que ele estabeleça uma relação baseada em afeto, respeito, dignidade e altruísmo. Dessa maneira, estabelece-se uma forma de união entre os dois lados da sala de aula, visando um ensino de alta qualidade e, consequentemente, personalizado, estimulando a autonomia do estudante, cada vez mais engajado em uma interação não só efetiva do ponto de vista cognitivo, mas também afetiva e significativa, com os demais sujeitos envolvidos no processo.

4. Considerações finais

Baseando-se nos resultados levantados, conclui-se que as interações e o tipo de relação que professores e alunos possuem são fundamentais para que tanto alunos quanto professores se sintam motivados em sala de aula. Quando o professor se mostra acessível e utiliza a empatia para se aproximar e conhecer seus alunos, automaticamente, eles se tornam mais dispostos a aprender, sugerir, questionar e interagir em suas aulas. No entanto, para que essa relação possa levar ambos ao sucesso, é necessário que professores atuem em colaboração e reflitam sobre a sua própria prática.

Embora a escola e o professor tenham objetivos particulares para a formação do aluno, é necessário que eles deem maior importância às relações estabelecidas entre educando-educador e educando-educando. É primordial que o educador planeje suas aulas de acordo com as reais necessidades e preferências dos seus alunos, fornecendo oportunidades para que este se sinta como um coparticipante do seu processo de aprendizagem.

Ao criar uma relação baseada no afeto, empatia e respeito, tanto o professor quanto o aluno são capazes de alcançar seus objetivos por meio de uma conexão baseada na confiança. Essa relação permite que até o aluno mais tímido ou menos participativo veja a sala de aula como um ambiente seguro, onde ele é livre para dar sugestões, fazer críticas e ser ele mesmo, ao mesmo tempo em que o motiva a estudar.

Conclui-se que o estabelecimento do *rapport* entre professor e aluno deve ser sustentado pela afetividade, de maneira que o educador possa agir como mediador em sala de aula, sem autoritarismo. Essa relação também deve ser baseada na empatia, pois, desta forma, os dois lados poderão contar com o apoio e compreensão do outro, em colaboração mútua para se atingirem objetivos de aprendizagem de um novo idioma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, L.; MAHONEY, Abigail A. (Org.). *Afetividade e aprendizagem*: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2007.

BARBIER, René. *L'approche transversale, l'écoute sensible en sciences humaines*. Paris: Exploration interculturelle, 1997.

BLODGET, J. *Profiles of excellent teachers: Summary of research*. Salem: Chemeketa, 1991.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília-DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinalsite.pdf. Acesso em: 14 jan. 2021.

CODO, W; GAZZOTTI, A. *Trabalho e afetividade*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CUMMINS, L.; PEDRICK, L.; SEVEL, J. *Social Work Skills for Beginning Direct Practice: Text, Workbook, and Interactive Web Based Case Studies*. Inglaterra: Pearson, 2015.

DYRENFORTH, Tom. *Classroom Success through rapport building*. Center for Faculty Excellence, NYC, 2014. Disponível em: <https://www.coursehero.com/file/24554263/rapport-in-classroompdf/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARDNER, R.; LAMBERT, W. *Attitudes and Motivation in Second Language Learning*. Massachusetts: Newbury House Publishers, 1972.

_____. *Social Psychology and Second Language Learning: the role of Attitudes and Motivation*. Londres: Hodder Arnold, 1986.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

HERZBERG, Frederic. *The Motivation to Work*. Nova Iorque: John Wiley& Sons, 1959.

KONDO, Yoshio. *Motivação Humana: um fator chave para o gerenciamento*. São Paulo: Gente, 1994.

KRZNARIC, Roman. *O Poder da Empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LEMO, P. *Educação afetiva*. São Paulo: Lemos, 1994.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1990.

LIMA, Maria. *Introdução às leituras de Lev Vygotski*: debates e atualidades na pesquisa. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

MARTINELLI, Selma; GENARI, Carla. Relações entre desempenho escolar e orientações motivacionais. *Estudos de Psicologia*, v.14, nº 1. Disponível em: www.scielo.br/epsic/a/sWx4FL7TkYysW5M6sGWKKC?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 18 mai. 2021.

MASLOW, A. H. *A Theory of Human Motivation*. Canadá: Winder Publications, 1943.

MUÑOZ, C. L; TOWNER, T. L. *Facebook and education*: a classroom conection? Estados Unidos: Emerald, 2011.

PCNS. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Língua Estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PEACOCK, Matthew. The effect of authentic materials on the motivation of EFL learners. *ELT Journal*, v. 51. Disponível em: <https://academic.oup.com/eltj/article-abstract/51/2/144/480870?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 18 mai. 2021.

PIAGET, J. *O desenvolvimento do pensamento: a equilibração das estruturas cognitivas*. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

_____. *Relações Entre a Afetividade e a Inteligência no Desenvolvimento Mental da Criança*. Brasil: Wak, 1994.

RODRIGUES, Marisa; RIBEIRO, Nathalie. Avaliação da empatia em crianças participantes e não participantes de um programa de desenvolvimento sociocognitivo. *Psicologia: teoria e prática*, Universidade Federal de Juiz de Fora, n.13, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872011000200009. Acesso em 27 ago. 2020.

ROSSINI, M. *Pedagogia afetiva*. Petrópolis: Vozes, 2001.

RYAN, Rebecca; WILSON, Janie. The Importance of Establishing Rapport with Your Students. *NOBA*, abr. 2015. Disponível em: <https://noba-project.com/blog/2015-04-23-the-importance-of-establishing-rapport-with-your-students>. Acesso em: 27 ago. 2020.

SANTOS, Joel. Rapport. *Psicologado*, ago. 2018. Seção Psicologia Clínica. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-clinica/rapport>. Acesso em: 27 ago. 2020.

SHARPE, Ste. *Build rapport in the English language classroom – eight tips for new teachers*. British Council, Reino Unido, 2019. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org/voices-magazine/build-rapport-english-language-classroom-eight-tips-for-new-teachers>. Acesso em: 27 ago. 2020.

SOUZA, S.E. *O uso de recursos didáticos no ensino escolar*. In: I Encontro de Pesquisa e Educação/XIII Semana de Pedagogia da UEM. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007.

TORRE, J. C. *Apresentação: a motivação para a aprendizagem*. São Paulo: Loyola, 1999.

WILLIAMS, M. Motivation in foreign and second language learning: An interactive perspective. *Educational Psychology*, n. 91, 1994. Disponível em: www.academia.edu/1333438/Motivation_in_second_and_foreign_language_learning. Acesso em: 09 fev. 2021.